

Exemplos para inspirar

Confira uma série de matérias que exemplificam como boas práticas inspiram e ajudam o meio ambiente e a comunidade.



1



Um negócio sustentável que literalmente virou suco

Conheça a indústria de produção de bebidas com frutas regionais que compra a produção de cooperativas e comunidades tradicionais. Uma ótima pedida para se refrescar nesse calor paraense!



Saiba mais
sobre nossa
atuação

sustentabilidade
está em nossa

origem

**NÓS OLHAMOS PARA A AMAZÔNIA E ENXERGAMOS ALÉM DA FLORESTA.
VEMOS PESSOAS. VEMOS POTÊNCIA. VEMOS FUTURO.**

É com essa perspectiva que atuamos hoje e avançamos em direção ao legado que queremos deixar. Com integridade e respeito às leis e à natureza. Com responsabilidade corporativa e desenvolvimento social. Com inovação para superar desafios e parceria para evoluir com nossos colaboradores, clientes, parceiros e toda a sociedade. Com orgulho de onde viemos e de tudo que estamos produzindo juntos para tornar a palma sustentável uma referência brasileira.

ALIMENTAÇÃO

Cintia Magno

Quando um empreendimento mantém a preocupação de acolher a produção de famílias e cooperativas que atuam preservando a biodiversidade da região, mais do que fomentar um novo negócio, a atividade também contribui para a valorização e a manutenção do modo de vida de comunidades e populações tradicionais, bem como com a própria preservação da biodiversidade.

Na outra ponta, sempre que um consumidor opta por um produto oriundo dessa integração, mais do que consumir o produto em si, ele está contribuindo com o fortalecimento de uma relação que garante uma produção sustentável e a manutenção da floresta em pé, uma relação de consumo e de produção responsáveis.

Foi centrada neste tipo de relação que nasceu, há pouco mais de dois anos, a Amazonique, um negócio de impacto que não apenas comercializa sucos de frutas nativas da Amazônia em escala industrial, mas que associa essa atividade à conservação da biodiversidade local. “A Amazonique surgiu com a ideia de suprir um an-

seio de ter acesso a produtos locais de qualidade, no caso sucos. A gente é focado em produzir bebidas e sucos com insumos locais e, hoje, a gente trabalha com algumas cooperativas e produtores locais”, explicam Paulo Araújo e Paulo Reis, sócios da Amazonique.

Paulo Reis conta que sempre teve um interesse particular em trabalhar com sucos regionais e o sócio, Paulo Araújo, tinha uma estrutura resultante de uma empresa anterior que poderia abrigar a nova ideia. Foi então que eles compreenderam que valeria à pena se unir para criar uma marca para suprir uma necessidade que eles próprios sentiam. “A nossa proposta é levar as frutas da região amazônica para o consumidor através dos sucos. Por incrível que pareça, apesar de a gente estar em uma região que tem o hábito muito forte do consumo de sucos, há pouco tempo atrás se a gente olhasse nos supermercados a gente encontrava suco de

maçã, de pêssigo, de uva e não encontrava de nenhuma fruta regional”, lembra Paulo Reis.

“Uma coisa curiosa da nossa região é que a nossa forma de consumir as nossas frutas é na forma de suco porque as nossas frutas mais características não são aquelas frutas com um volume grande de polpa. Se você pensar, por exemplo, na acerola, no taperebá, não são frutas que costumam ter na mesa do café da manhã para tirar um pedaço e comer, você tem que transformar em suco”.

Apesar da oferta desse tipo de suco ser vista em restaurantes e na própria casa dos paraenses, os empreendedores observaram que essa oferta não era vista nos supermercados. A partir daí, os primeiros sucos lançados pela marca aproveitavam os sabores que já eram muito comuns no dia a dia dos consumidores, além de lançarem outros sabores que mesclam frutas que, por vezes, não são consumidas com tanta frequência, como é o caso do suco de cupuçu com pitaya.

Com a boa aceitação que tiveram no mercado – em 18 meses a empresa cresceu 600%, sempre focada no mercado local –, os sócios viram a transformação chegar também à realidade dos pro-

2





dutores que fornecem os frutos processados na fábrica instalada no município de Ananindeua. “Tanto eu, quanto o Paulo Araújo já tínhamos tido a oportunidade de trabalhar com aceleradoras ou programas que apoiam negócios de impacto, então, a gente já começou a Amazonique com esse olhar de que a nossa cadeia produtiva, os nossos fornecedores de ingredientes da região, poderiam nos ajudar e a gente também poderia ajudá-los a ter um impacto na região tanto no âmbito ambiental, quanto no âmbito social”, considera Paulo Reis.

“Na parte social diretamente porque a gente compra um volume razoável a grande de polpas de cooperativas ou de famílias diretamente, quanto também a gente ajuda a promover e a fazer com

que esses familiares preservem a biodiversidade que normalmente está na área onde eles vivem e, muitas vezes, onde eles cresceram”.

Vale considerar que, muitas vezes, os produtores produzem essas frutas porque as mesmas fazem parte da cultura tradicional deles e de suas famílias, mas às vezes eles não tem para quem vender, então, acabam mantendo essa produção unicamente pelo propósito pessoal ou familiar de ter aquela árvore, ou ele acaba deixando de trabalhar com aquele fruto para focar em outras atividades que têm um mercado maior. “Às vezes, por não ter estímulos gerais, essas famílias não têm essa necessidade de continuar plantando e cultivando certas frutas e a gente acaba fazendo

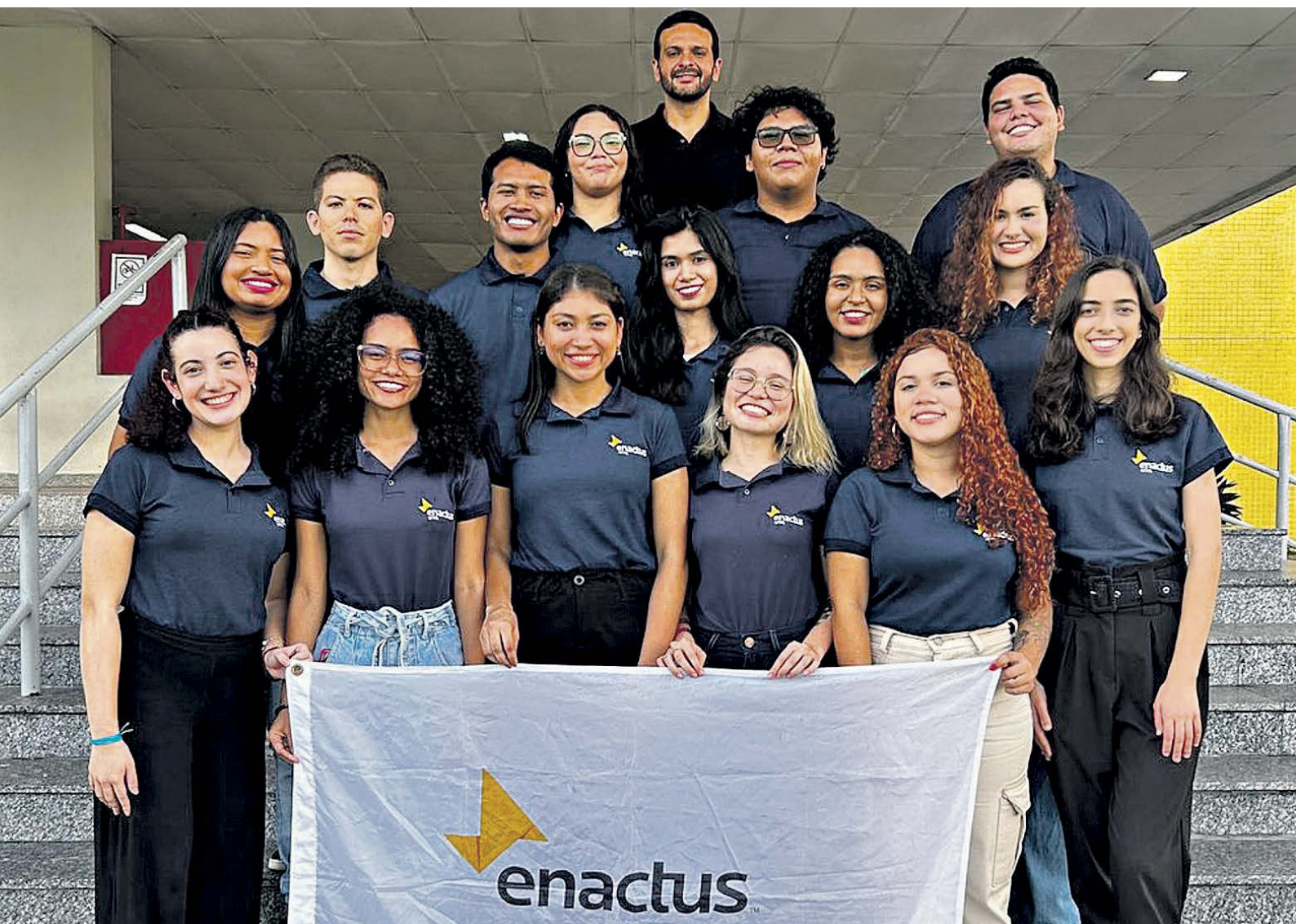
esse trabalho e com o crescimento da própria empresa, com o crescimento de venda e, conseqüentemente, com a maior compra desses insumos, isso acaba estimulando que eles produzam mais”, considera Paulo Araújo.

“Eu sempre lembro do exemplo de uma produtora de Terra Alta que começou com pouquíssima acerola e, hoje, a gente compra 100 vezes o volume que ela costumava vender para região antes. Na última visita que a gente fez lá na produção dela, ela mostrou que de uma produção que ela fazia só de acerola, agora ela está diversificando e plantando pitaya também, algo que ela fez porque a gente passou a desenvolver o suco com pitaya. Então, é um estímulo onde todo mundo está ganhando”.

EM IMAGENS

1 e 2 A Amazonique tem sucos com diversos sabores amazônicos 3

Paulo Araújo e Paulo Reis FOTOS: DIVULGAÇÃO



Time Enactus UFPA: estudantes de diferentes cursos da instituição se unem em projetos de transformação da realidade social na Amazônia
FOTO: DIVULGAÇÃO

Sustentabilidade é o combustível que os move

Organização formada por estudantes da UFPA estuda produção de biodiesel de baixo custo feito a partir do óleo de cozinha residual, que pode beneficiar comunidades ribeirinhas da Amazônia

PESQUISA

Cintia Magno

Em comunidades ribeirinhas que dependem do uso de geradores para ter acesso a energia elétrica, a necessidade de recorrer ao diesel convencional para abastecer o equipamento gera um impacto considerável não apenas na vida financeira da população, mas também no meio ambiente. Fruto de uma fonte não renovável, o diesel convencional elimina gases de efeito estufa no ambiente quando queimado, contribuindo com o aquecimento global, mas quando feito a partir de outras fontes, o combustível pode se tornar mais sustentável.

Foi a partir desse entendimento que um grupo de estudantes da Universidade Federal do Pará (UFPA) identificou uma alternativa que pode beneficiar essas comunidades, a possibilidade de produzir biodiesel de baixo custo através do óleo de cozinha residual. Batizado de Biolume, o projeto constitui um dos projetos de empreendedorismo social do time Enactus UFPA, organização formada por estudantes da instituição engajados com a transformação da realidade local. “Por meio do trabalho voluntário desses alunos, procuramos aplicar o conhecimento científico em prol da resolução de problemas e do aproveitamento de oportunidades presentes na nossa região, sempre com intuito de gerar renda e impacto socioambiental positivo em comunidades em situações de vulnerabilidade”, explicam a presidente do Time Enactus UFPA, Heloise Queiroz, e o professor da Faculdade de Administração da UFPA, José Augusto Lacerda.

A estudante e o professor lembram que o Biolume nasceu no âmbito de um hackathon interno do time que tinha como tema ‘Caminhos para a COP 30 e além’. Os participantes do desafio tinham que preparar soluções para alguns dos problemas englobados pelos Objetivos de Desenvolvimento Sus-

“

Por meio do trabalho voluntário desses alunos, procuramos aplicar o conhecimento científico em prol da resolução de problemas e do aproveitamento de oportunidades presentes na nossa região”

Heloise Queiroz, presidente do Time Enactus UFPA

tentável (ODS), incluindo o que trata de energia limpa e acessível. “Em suma, o seu propósito é utilizar o óleo de cozinha para gerar uma fonte renovável de energia para as comunidades que ainda não estão ligadas ao Sistema Interligado Nacional de energia (SIN), produzindo um biodiesel de custo acessível feito com esse óleo de cozinha residual. Assim, o projeto se revelou como uma inovação capaz de abordar duas problemáticas: a poluição dos rios por esse óleo e a falta de acesso à energia pelas comunidades ribeirinhas”, explicam.

No momento, o projeto está em fase de implementação. Heloise e o professor José Augusto explicam que o Biolume possui um mínimo produto viável (MVP) desenvolvido e em fase de teste. “Além disso, a iniciativa já estabeleceu contatos e pré-definiu uma comunidade parceira, localizada em Itacuruçá Abaetetuba. Adicionalmente, já contamos com nove parceiros para o fornecimento do óleo residual e com a parceria do Laboratório de Biossoluções da Amazônia para o desenvolvimento do biodiesel. Com esses resultados prévios, o projeto em breve deve entrar em operação enquanto um negócio social liderado pelo Time Enactus UFPA”.

O time explica que o óleo residual é uma ótima matéria prima para biodiesel, eficiência que é atestada por uma série de pesquisas. Além disso, ele possui um custo de aquisição menor ou até

mesmo inexistente, em comparação à matéria prima de outros combustíveis, fazendo com que o produto final tenha um baixo custo.

“Basta considerarmos que o preço do diesel comum que alimenta os geradores é em média R\$8,00 nas áreas parceiras, e que o nosso preço estimado é de R\$4,50. Com isso, conseguimos ver facilmente que há um impacto financeiro na renda das comunidades, uma vez que a fonte de energia fica muito mais acessível”, consideram. “Indo além: se considerarmos que há um gasto frequente com o diesel para geradores, logo concluímos que a diminuição de seu custo trará uma economia considerável para essa população. Como procuramos sempre constituir modelos de negócio sustentáveis (sustainable business models SBM’s), tentamos impactar um número ainda maior de pessoas, adoentando assim o que batizamos de sistema 7 por 1, isto é, a cada sete litros vendidos, um será doado para a comunidade”.

Por envolver produtos químicos controlados, a produção do biodiesel não poderia ser feita pela própria comunidade. A ideia do projeto é que, ao efetuar esse aproveitamento do óleo de cozinha residual, se aplique na prática diferentes princípios da Economia Circular em prol de diferentes comunidades e territórios da região.

“Desde sua criação, o projeto tem sido reconhecido por diferentes organizações. Já na sua gênese, em uma competição de projetos inovadores apoiada pela Coalizão pelo Impacto, uma organização existente em 6 cidades do Brasil, com foco no fortalecimento de ecossistemas de negócios engajados com aspectos socioambientais e não só com aspectos financeiros. Graças a essa competição, o projeto passou por uma jornada de mentorias e capacitações desenvolvendo modelos de negócios e plano financeiros, sendo o Biolume o grande ganhador do capital semente oferecido pela organização. Além disso, somos atualmente um dos semifinalistas de um edital da Amanco, em parceria com a Enactus Brasil”.

Doar leite é compartilhar o amor entre as mães

Conheça histórias de mulheres que foram ou são doadoras de leite materno para a Santa Casa, um ato que ajuda a salvar muitos bebês e que traz bem-estar para elas e para as genitoras que recebem



ria ajudar”, recorda. “Aí eu entrei em contato e comecei a fazer a doação. Eu amamentei o Gustavo até quase três anos e aí eu já engravidei do Guilherme. Quando o Guilherme nasceu, eu já comecei a doar de novo. Então, eu parei de doar mesmo só entre o desmame de um e o nascimento do outro”.

Mantendo a rotina de doação até hoje, Arielly tenta encontrar palavras para descrever o sentimento gerado pela possibilidade de contribuir com algo tão valioso para outros bebês e outras mães. “É uma sensação única de conseguir ajudar muita gente. Às vezes, a gente fica se perguntando o que a gente pode fazer para ajudar o próximo e quando a gente encontra alguma coisa nesse sentido no caso, eu encontro a doação de leite é uma sensação única, gratificante mesmo, poder ajudar e saber que o bebê que recebeu o leite vai ficar melhor de saúde, que ele vai poder ir para casa. É único”.

A possibilidade de fazer parte dessa rede de doação também chegou para a Tassiana Scotta quando ela ainda amamentava a primeira filha, a Stella Maria. Ela lembra que, antes do nascimento da filha, ela até sabia da existência da doação de leite humano, mas não foi algo que passou pela sua cabeça naquele primeiro momento. A mudança veio através de uma campanha informativa que ela viu por acaso. “A minha primeira filha nasceu em 2022 e, no início, foi aquela dificuldade de amamentar e tudo, mas depois



SAÚDE

Cintia Magno

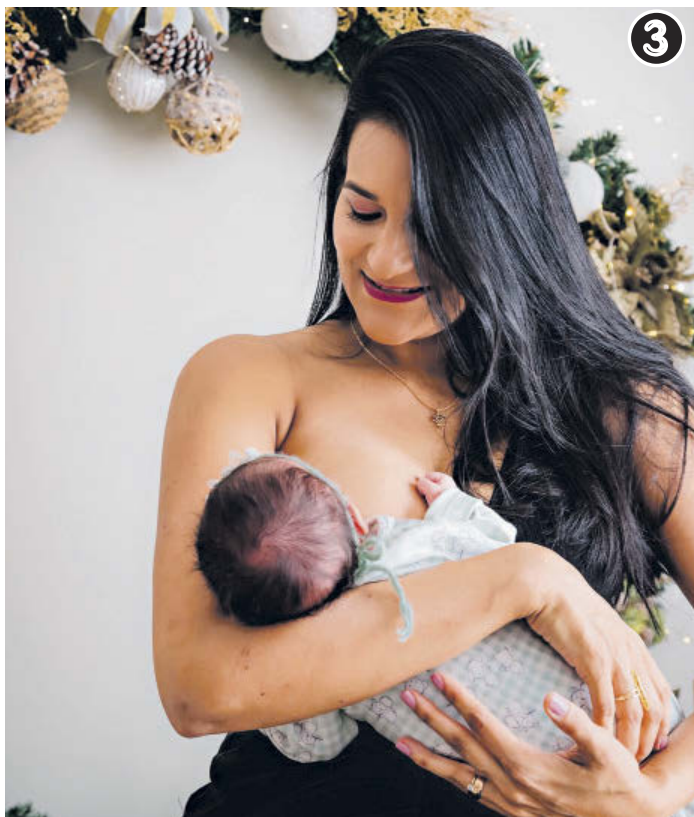
Passado todo o período da gestação, no momento em que a mãe tem o seu bebê nos braços, a rotina de preocupação e cuidados com o novo membro da família se intensifica. Mas é justamente neste momento que algumas mulheres pensam também nos bebês de outras mães que necessitam de leite humano para conseguir se desenvolver melhor. São mães que, mesmo sem conhecer a identidade dos bebês ou das mães que estarão ajudando, se dispõem a doar um alimento precioso e único.

Quando engravidou do primeiro filho, o Gustavo, Arielly Assunção, não tinha ideia de que se tornaria uma doadora de leite materno. Foi quando ela já se organizava para voltar ao trabalho, após a licença maternidade, que ela viu uma postagem na rede social que lhe mostrou uma maneira, até então não pensada, de ajudar ao próximo. “Eu vi uma postagem de uma amiga que trabalhava no Banco de Leite [Banco de Leite Humano da Santa Casa do Pará] e na época estava todo mundo em casa porque tinha começado a pandemia e eu vi que por ali eu consegui-

que passou essa dificuldade, eu consegui amamentar e comecei a ter uma boa produção de leite materno”, recorda. “E um dia eu conheci a doação de leite mais de perto numa campanha que fizeram em um shopping em que estava o Projeto Bombeiros da Vida [que faz o recolhimento das doações de leite humano na casa das doadoras] e a Santa Casa e eles explicaram direitinho como funcionava e eu me tornei doadora de leite materno”.

Tassiana manteve a doação de leite até que sua primeira filha parasse de mamar e, quando engravidou da sua segunda bebê, a Maria Thereza, não teve dúvidas de que seria doadora novamente. “Com o nascimento da minha segunda filha, que foi no final de 2023, eu voltei a doar novamente e aí já foi uma coisa que eu planejei, eu pensei ‘se eu já doei na primeira, vou doar na segunda’. Aí eu só contatei o projeto novamente para dizer que eu estava precisando do material para fazer a doação e eles, prontamente, foram deixar o material e eu continuo doando ainda para a Santa Casa”.

Doadora de leite humano por 1 ano e 2 meses, Josiane Pompeu conhece bem a realidade vivenciada pelas mães e seus bebês que precisam permanecer no hospital por um período maior antes de irem para casa. Nutricionista do Banco de Leite da Santa Casa, ela não teve dúvidas de que, quando engravidasse, também seria uma doadora. “Eu me tornei doadora a partir do momento em que a minha bebê começou a mamar bem e eu comecei a ter uma boa produção de leite. Antes



um desenvolvimento mais rápido. “Durante a minha vivência aqui no Banco de Leite, com certeza eu consigo identificar e perceber a diferença de um recém-nascido prematuro que toma o leite materno, que toma o leite humano de doação, para um bebezinho que não consegue receber esse leite. A gente consegue identificar essa diferença no ganho de peso, a tolerabilidade desses bebês com esse leite materno também é muito maior, muito melhor e, com certeza, ele fornece todos os nutrientes que o bebê precisa nesse período que ele que ele está”, reflete.

Já de volta à rotina de trabalho, ela lembra que conseguia fazer a coleta na sala de apoio do local de trabalho, principalmente nos plantões, um período em que ela passava um tempo maior longe da sua bebê e que, portanto, o seu seio ficava bastante cheio. Josiane lembra que também é possível ver os benefícios que a doação de leite humano proporciona para as mães que têm seus recém-nascidos internados. “A mãe que recebe esse leite doado para o seu bebê é uma mãe que fica muito mais feliz, muito grata, e ela consegue também, às vezes, até produzir mais leite, fazer a ordenha, porque ela sabe que mesmo que ela não tenha o suficiente, o banco de leite vai conseguir oferecer esse leite de doação”.

EM IMAGENS

1 e 2 Arielly com a família e o leite doado, 3 Josiane Pompeu, 4 Tassiana Scotta

FOTOS: DIVULGAÇÃO

O primeiro contato com a ciência eles nunca esquecerão

Clube voltado para crianças de 9 a 16 anos, pelo Museu Emílio Goeldi, desperta o interesse dos estudantes para as pesquisas científicas voltadas para a Amazônia, ajudando a formar futuros pesquisadores

DUCAÇÃO

Cintia Magno

Na instituição que desde 1866 se dedica ao estudo científico dos sistemas naturais e socioculturais da Amazônia, o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), crianças e jovens com idade entre 9 e 16 anos têm a oportunidade de ter o primeiro contato com o fazer científico. Há mais de duas décadas, a ação educativa ‘Clube do Pesquisador Mirim’ ajuda a despertar o interesse das novas gerações pela ciência e, em alguns casos, planta uma semente que segue sendo cultivada pelos participantes mesmo depois de encerrado o ciclo no clube.

Educador do Serviço de Educação do Museu Paraense Emílio Goeldi e coordenador do Clube do Pesquisador Mirim, Luiz Videira já perdeu as contas de quantos participantes do projeto decidiram seguir a carreira científica na vida adulta. Nos 27 anos de existência do clube, cerca de 4.400 alunos já passaram pelo projeto, sendo que muitos desses permaneceram por alguns anos. Ele conta que ex-alunos do clube, após entrar na faculdade, participam do processo seletivo e se tornam estagiários do museu.

“Muitos alunos atuaram como esta-

giários, como bolsistas no serviço de educação, outros foram para as áreas de pesquisa do museu, outros conseguiram estágios em outras instituições e mais de 40 que passaram por aqui já são doutores e estão espalhados, inclusive, pelo mundo nas áreas de pesquisa”, estima. “Você encontra vários doutores que passaram pelo Clube do Pesquisador Mirim na USP, em outros países como China, Alemanha, Inglaterra, França, Estados Unidos. Esses são só os que eu tenho conhecimento”.

O projeto que hoje acumula exemplos positivos do impacto que a iniciação científica pode proporcionar para crianças e jovens surgiu ainda em 1997 e, desde então, segue o objetivo principal de estimular nas crianças o interesse pela ciência, usando como base as áreas de atuação do Museu Goeldi, que são a zoologia, a botânica, as ciências humanas, as ciências humanas e as ciências da terra. “Como nós oferecemos, a cada ano, temas diferentes, as estratégias para desenvolver o assunto são diferentes também”, explica Luiz Videira.

Inicialmente, na primeira etapa das atividades do clube, os estudantes são apresentados ao próprio Museu Goeldi, no que se chama de ‘reconhecimento da instituição’. “A gente faz as primeiras aulas chamadas de reconhecimento da instituição, onde a gente vai

apresentar as áreas de pesquisa, o Parque Zoológico, ou seja, onde o museu atua. Essa apresentação a gente faz por meio de diversas dinâmicas, por exemplo, a gente faz seminários, onde a gente esconde determinados objetos no parque e eles vão procurar, como uma flecha, uma peça arqueológica, uma ave taxidermizada, uma rocha”.

Luiz conta que, nesses casos, os participantes do clube são convidados a procurar esses objetos que foram espalhados pelo parque e, ao encontrarem, eles fazem uma descrição do material. “Por exemplo, se eles acham uma rocha, eles vão dizer o que é aquilo e o técnico fala as características daquela rocha, que é uma rocha metamórfica, que pertence à coleção da área de Ciências da Terra, o que as Ciências da Terra estuda. Este é o primeiro momento, que é o contato do Pesquisador Mirim com a instituição”.

Num segundo momento, os alunos são introduzidos ao tema que eles vão trabalhar durante o projeto. Se, por exemplo, a turma vai estudar aves da Amazônia, os instrutores primeiro falam sobre as aves de um modo geral, sobre a morfologia, o comportamento, o tipo de bico, a relação dela com o ambiente e, posteriormente, vão sendo introduzidos os temas mais específicos e é aí que os alunos começam a participar das atividades de acordo



com o interesse de cada um.

O terceiro momento já é a produção de um material, ou seja, do resultado das pesquisas realizadas. “A partir do que nós estudamos, a gente vai começar a elaborar o produto final da nossa turma. É como se fosse o TCC deles, só que esse TCC é em forma de um jogo, de um material educativo como uma cartilha ou um kit”, explica o coordenador. “Então, neste momento a gente começa a discutir o que a gente vai fazer com o conhecimento pro-

duzido. A gente começa a discutir para elaborar o produto final. A partir do momento em que esse produto final já está elaborado, a gente começa a confecção dele. A partir da confecção, a gente já passa para a apresentação dos resultados, onde nós vamos apresentar ao público em geral, através de uma amostra de todos esses materiais, e onde a gente vai entregar os certificados para os participantes”.

Geralmente, o Clube do Pesquisador Mirim inicia em maio, após a divulga-

ção do resultado dos participantes que foram selecionados a partir do edital, e segue até julho, quando é feita uma pausa para as férias. Após essa pauta, as atividades retornam em agosto. Dessa forma, a cada ano é feito um novo ciclo de turmas e os alunos que já participaram de turmas anteriores, podem participar novamente. “Nós estamos com três turmas, com os temas ‘Alerta amazônico’, ‘Dia a dia das aves’ e ‘Mundo dos invertebrados’. Só que como a demanda foi muito grande, resolvemos



criar uma turma extra na segunda-feira, onde nós vamos colocar os alunos veteranos e que já estão há mais tempo aqui”, explica Luiz Videira, ao pontuar que o perfil dos estudantes que participam do clube é bem diverso. “Temos alunos de escolas públicas e de escolas particulares, temos alunos autistas, alunos com TDAH, temos alunos com dificuldades de fala e temos alunos de 9 até 16 anos, que são colocados em turmas diferentes”.

A estudante do 3º ano do ensino médio Vitória Cavalcante, 16 anos, não só gostou da experiência como hoje pensa em seguir uma profissão sobre a qual pode aprender mais dentro do projeto. “Sempre amei museus e exposições, pois é uma forma não somente de adquirir conhecimento, como também dependendo do museu, conhecer culturas novas e outras formas de vida. E com isso, o museu só intensificou o amor que eu tenho pela ciência, comunicação e a área de pesquisa no gera”, lembra, ao contar que pretende seguir a carreira científica. “Me

apaixonei por Museologia, já era totalmente apaixonada por museus e exposições e o museu Goeldi fortaleceu esse amor. Eu quero me aprofundar no estudo cultural e social”.

Ao destacar as áreas que conheceu no projeto e que mais lhe marcaram, Vitória lembra das ciências biológicas, como botânica e zoologia, e das ciências humanas e sociais. “Foi uma experiência única na qual eu entendi como funciona alguns métodos de pesquisa e comecei a usar no dia a dia com a escola, perdi o medo de falar em público além de conseguir me expressar melhor, melhorei na forma em que escrevo através das pesquisas feitas, e também no desenho e ilustração, já que todas as imagens e desenhos dos kits e produtos finais são feitas pelos alunos, além de todos os textos”, recorda, ao explicar porque considera importante que, assim como ela, outras crianças e os jovens tenham a oportunidade de ter esse contato mais próximo com a pesquisa e a ciência.

ENTENDA

CLUBE

- TEm 2023, o Clube do Pesquisador Mirim atendeu um grupo de 100 estudantes selecionados de um total de 235 inscrições. Ao longo desse período, eles desenvolveram atividades relacionadas ao estudo das temáticas: “Interações amazônicas”, “Retratos da Amazônia”, “Fauna e flora do Museu Goeldi” e “Mundo amazônico”. As pesquisas resultaram na elaboração de kits educativos, cartilhas e um jogo digital.

- TNeste ano de 2024, as temáticas trabalhadas serão: “Alerta amazônico”, “O dia a dia das aves” e “O mundo dos invertebrados”, atendendo turmas do 4º ao 9º ano do Ensino Fundamental. O resultado da seleção foi divulgado na última quinta-feira (09/05) e as aulas começam já nesta próxima semana.

Fonte: Ascom Museu Paraense Emílio Goeldi.



PARÁ QUE TRANSFORMA E CRESCE COM A ALUBAR

Orgulhosamente paraense, a Alubar nasceu em Barcarena e rapidamente se destacou, convertendo o potencial local em um modelo de sucesso global. Com expansão significativa, abriu fábricas no Rio Grande do Sul, Canadá e Estados Unidos. Cada nova instalação e mercado conquistado reflete a determinação em transformar e conectar regiões, evidenciando o impacto transformador do Pará e o compromisso com um futuro promissor.

www.alubar.net.br

 /GrupoAlubar  GrupoAlubar  /GrupoAlubarOficial



Coletivo Jandyras atua desde 2021 buscando mudar a realidade das mulheres que residem em comunidades periféricas

FOTOS: DIVULGAÇÃO



As mudanças climáticas sob o ponto de vista das comunidades

Coletivo de mulheres da periferia de Belém se reúne para criar espaços de debate e empoderamento diante da necessidade de mudar o futuro. E as ações começam a mudar a realidade local

INICIATIVA

Cintia Magno

A referência à palavra de origem tupi que significa ‘abelha de mel’ simboliza a organização e a força coletiva das mulheres que, há três anos, decidiram se organizar para liderar a Rede Jandyras. Rede

de articuladoras ambientais, a organização atua pela justiça climática, buscando transformar a realidade não apenas das integrantes que compõem o coletivo, mas também de suas comunidades.

Presidente da Rede Jandyras, Waleska Queiroz explica que a rede surgiu em 2021, em Belém, e é formada e liderada por 20 mulheres, em sua maioria não brancas e periféricas. Essa atuação orga-

nizada teve início quando elas perceberam que precisavam se reunir para debater as questões climáticas a partir de um viés diferente.

“Sentimos a necessidade de discutir os efeitos da crise climática em Belém de maneira interseccional, abordando questões de raça e gênero e garantindo os direitos das populações vulneráveis”, explica. “Nosso objetivo principal é criar



um espaço de empoderamento, fortalecimento mútuo e amplificação das vozes femininas na luta por justiça racial, social e climática, além de ocuparmos espaços de tomada de decisão”.

A forma encontrada pelo coletivo de mulheres para possibilitar isso foi através da atuação em diferentes eixos, o que inclui advocacy, mobilização e articulação, e educação ambiental climática. “O advocacy é uma parte central das nossas atividades, buscando influenciar políticas públicas locais para enfrentar as ameaças climáticas. Além disso, promovemos campanhas de conscientização e engajamento comunitário, como a criação da Agenda Climática para Belém, que orienta ações de mitigação e adaptação às mudanças climáticas. Nossa atuação é, portanto, política, no sentido de garantir direitos e ocupar espaços de decisão, mas também educativa e mobilizadora, buscando engajar a sociedade civil na luta por uma cidade mais justa e resiliente”.

AGENDA

Entre as iniciativas já colocadas em prática pela rede, Waleska destaca a criação da Agenda Climática para Belém. Ela explica que a estratégia aborda questões como o direito à água e ao saneamento, justiça climática e racial,

mobilidade urbana, direito à cidade, e infância e clima. “Outras campanhas incluem ‘Fórum Climático Já!’, que defendeu a criação do Fórum Municipal de Mudanças Climáticas de Belém, e ‘Aquilombar é Preciso’, que fortaleceu a primeira comunidade quilombola certificada de Belém, localizada em Sucurijuara, na Ilha de Mosqueiro”.

Outra atuação destacada por Waleska é a construção coletiva da campanha ‘Guardiãs dos Rios’, que ao destacar a história dos rios urbanos de Belém transformados em canais e seus impactos nas comunidades locais, buscou ressaltar como as mulheres estão na linha de frente da defesa do território, na proteção dos recursos hídricos e na resistência contra a degradação ambiental.

Diante não apenas deste exemplo, mas do próprio trabalho desenvolvido pelas mulheres que integram a Rede Jandyras, Waleska considera que a sociedade civil organizada desempenha um papel fundamental na defesa dos povos, do meio ambiente e dos territórios. “É essa sociedade organizada que, historicamente, luta e reivindica por transformações reais para que a cidade atenda verdadeiramente às necessidades de todos os seus habitantes. Foi por meio dessa luta que muitos direitos foram conquistados. Por exem-

plo, a Rede Jandyras, a COP das Baixadas, das quais faço parte, assim como diversas outras organizações do território, contribuem ativamente para a construção de políticas públicas mais inclusivas e equitativas, seja por meio de campanhas ou projetos”, considera. “Para mim, a participação da sociedade civil é essencial para garantir que os direitos previstos na Constituição sejam plenamente implementados. Para isso, é crucial que as contribuições das comunidades vulneráveis sejam ouvidas e consideradas na formulação de políticas públicas, para que elas promovam a justiça racial, social e climática. É imperativo que os saberes tradicionais estejam presentes nessas políticas e que, mais do que sermos ouvidos, sejamos envolvidos em todos os processos, do início ao fim”.

PARA ENTENDER

JANDYRAS

● O nome da Rede Jandyras é inspirado na palavra ‘Jandira’, que vem do tupi e significa “abelha de mel”, simbolizando a organização e a força coletiva das mulheres que fazem parte da rede.



EM IMAGENS

1 e 2 Processo de produção dos produtos da Bioilha, 3 Danielly Leite, 4 Os produtos da marca de biocosméticos FOTOS: IRENE ALMEIDA

Transformando a natureza em produtos de beleza

Empreendedora encontrou na realidade das comunidades ribeirinhas a matéria-prima para a produção de biocosméticos na fábrica instalada em Icoaraci, gerando emprego e renda para muita gente

BIOECONOMIA

Cintia Magno

Quando ainda trabalhava mapeando a região das ilhas de Belém, a pedagoga Danielly Leite jamais imaginou que, em 2024, seria a empreendedora responsável por comandar uma fábrica de cosméticos naturais instalada no distrito de Icoaraci, a Bioilha. A partir da oportunidade observada no contato próximo com os saberes das populações ribeirinhas, ela encontrou uma maneira de transformar não apenas a sua realidade, mas de dezenas de outras pessoas nas ilhas e na cidade.

Danielly conta que durante os 10 anos em que atuou nas ilhas de Belém, em projetos ligados à educação, conheceu muitas famílias ribeirinhas que extraíam óleos vegetais e, naturalmente, começou a levar essa produção para vender no Ver-o-Peso. Ao compartilhar parte da sua rotina nas redes sociais, viu surgir a demanda por produtos feitos a partir dessa matéria prima natural. “Eu comecei a mostrar o meu dia a dia na internet e, organicamente, em 2019, as pessoas começaram a pedir óleo de Andiroba, o óleo de copaíba e nisso eu percebi que tinha um potencial, que os nossos óleos naturais da Amazônia são muito bem vistos por quem é de fora”, lembra.

“Então, no final do ano de 2019 eu tomei uma decisão de pedir demissão para me dedicar somente à venda de óleos vegetais, de produtos naturais que eram das ilhas de Belém. Até então eu não fabricava, eu só trabalhava na venda desses produtos que os meus amigos ribeirinhos produziam de forma bem artesanal, bem extrativista mesmo. Eu nunca imaginei que, por exemplo, em 2024 a gente estaria com uma fábrica”.

Quando pediu demissão para se dedicar ao novo projeto, os clientes começaram a perguntar se Danielly trabalhava com sabonetes e alguns cosméticos feitos a partir de óleos vegetais da Ama-



“

E a gente segue crescendo sem mudar aquilo que a gente iniciou, que é a preocupação de criar produtos que não agridam nem o ser humano e nem a natureza. Então, a gente continua trabalhando com comunidades ribeirinhas, comprando as produções locais como o óleo de andiroba e a copaíba, para criar os nossos cosméticos”

Danielly Leite, empreendedora



zônia. Foi quando ela começou a estudar o assunto e a fabricar os sabonetes ainda em casa, no início de 2020. “Com isso, os clientes começaram a pedir outros cosméticos, como cremes e esfoliantes e eu continuei a estudar e a me dedicar cada vez mais à manipulação de cosméticos naturais e a fabricar os meus próprios cosméticos com a matéria prima da Amazônia, sempre com a preocupação de utilizar óleos vegetais das comunidades ribeirinhas”.

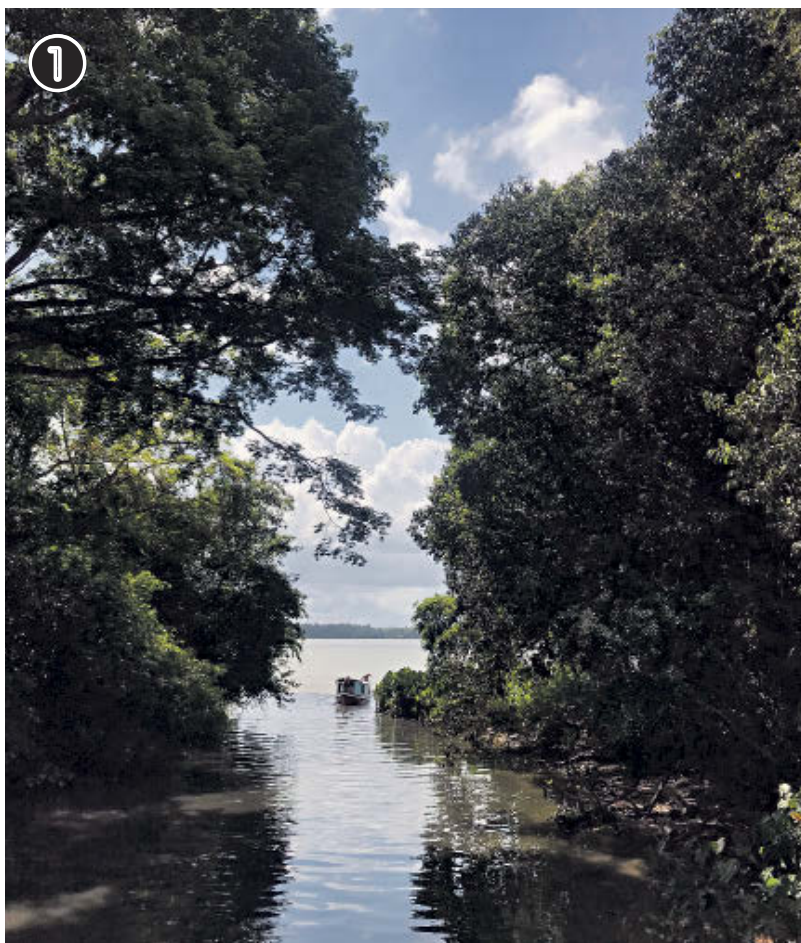
Um princípio que acompanha Danielly

desde o início dessa jornada até hoje é o de não fazer uso de ingredientes derivados do petróleo, priorizando sempre produtos naturais e locais. “Diferente de outras fábricas, a gente não utiliza BHT, por exemplo, um ingrediente que é derivado do petróleo e que é muito utilizado na indústria cosmética como conservante. Então, nossos produtos são feitos o máximo possível com ingredientes naturais e sempre valorizando a produção extrativista, principalmente das comunidades ribeirinhas”, explica. “Com isso, os

clientes abraçaram o projeto da Bioilha, gostaram dos produtos, viram resultados e a gente foi crescendo gradativamente”.

Com a boa aceitação dos clientes, em 2021 a empreendedora tomou a decisão de formalizar a fábrica junto à Anvisa. Hoje, a fábrica emprega uma equipe de mais de 10 pessoas, sendo a maioria mulheres, apenas um homem compõe a equipe. Com o trabalho em rede, não apenas a vida da Danielly se transformou, mas também as das mulheres empregadas na fábrica e das comunidades ribeirinhas que tiveram uma fonte de renda a partir da extração dos óleos naturais da floresta.

“E a gente segue crescendo sem mudar aquilo que a gente iniciou, que é a preocupação de criar produtos que não agridam nem o ser humano e nem a natureza. Então, a gente continua trabalhando com comunidades ribeirinhas, comprando as produções locais como o óleo de andiroba e a copaíba, para criar os nossos cosméticos. Todos os nossos produtos são veganos e naturais”, comenta a empreendedora. “Acaba sendo um movimento porque a gente compra do produtor local, transforma essa matéria prima em cosmético, repassa para o nosso cliente final que recompra da gente e a gente faz a recompra do nosso fornecedor que está lá na ponta. Então, começa lá na ilha e chega até a cidade, na casa do cliente”.



Um novo olhar sobre os rios que passam por Belém

Iniciativa da UFPA mobiliza estudantes e comunidades próximas da universidade para conhecer e reestabelecer uma relação ambiental e de afeto com os rios Tucunduba e Sapocajuba



EDUCAÇÃO

Cintia Magno

Entrecortando as cidades, os rios urbanos passam quase despercebidos em meio à rotina intensa de seus moradores. Muitas vezes afetados pelas intervenções humanas ocorridas ao longo das décadas, estes corpos hídricos são descaracterizados de sua forma e uso original, mas o olhar atento e ações simples de educação ambiental podem devolver a conexão natural existente entre a sociedade e os rios que se configuram como importantes personagens das cidades.

É com esse objetivo que uma série de ações desenvolvidas na Univer-

sidade Federal do Pará (UFPA) buscam transformar positivamente o espaço de dois rios urbanos que cortam o campus do Guamá: o rio Tucunduba, conhecido por estar inserido em uma grande bacia hidrográfica e o rio Sapocajuba, um afluente do Rio Guamá. Iniciativa do Espaço ITEC Cidadão, coordenado pela professora Gina Calzavara, em parceria com a Faculdade de Oceanografia da UFPA, o projeto envolve a realização de visitas e trilhas guiadas às margens do rio Sapocajuba com todos os interessados, sobretudo com estudantes do ensino fundamental e médio.

A docente da Faculdade de Oceanografia da UFPA, Sury Monteiro, explica que durante as trilhas as ações buscam explicar conceitos básicos do ambien-

te e construir soluções coletivas práticas para o entorno dos rios. “As ações ambientais ocorrem em duas frentes, uma delas é para ‘descortinar’ os rios e apresentá-los à sociedade via um processo de humanização. Isto é importante porque muitas vezes passamos por um local e não o percebemos enquanto ambiente natural, por diversos motivos, mas sobretudo porque às vezes o rio está descaracterizado”, explica a professora. “O rio Sapocajuba, por exemplo, é um rio que não tem expressividade, exceto quando ele transborda durante os períodos de águas de março, e causa transtornos. O Tucunduba, exceto quem tem vivências afetivas, é um rio pouco valorizado. Na percepção de muitas pessoas que passam por ele, ele é indicado como muito antropizado pela presença de resíduos em suas margens ou pelo odor”.

Diante deste cenário, a professora considera que, para que haja uma mudança de visão acerca desses rios, é necessário reconhecer as características naturais do ambiente e saber os serviços que aquele ambiente proporciona. “Para que isso seja possível iniciamos um processo de ‘descortinamento’, um abrir de janelas, para que as pessoas possam olhar o rio e perceber que ele vai muito além de um rio antropizado. Há vida em forma de vegetação, de animais; há educação, há vivências culturais, há plantas medicinais”. Neste sentido, a iniciativa já possibilitou que, tanto nas margens do Rio Tucunduba, quanto nas do Sapocajuba, fossem implantados experimentos para demonstrar as potencialidades dos dois rios. “Camburões com flores bouganvilles florescem formando a “primavera do Sapocajuba”, camburões com PANCS (plantas alimentícias não convencionais) reforçam alimentos e medicamentos disponíveis na natureza, flores tropicais, além de embelezar, protegem as margens dos rios”, enumera Sury. “Esses três exemplos são ações ambientais que promovemos, construímos e explicamos para as crianças e jovens que moram próximos a esses rios. A partir do momen-



EM IMAGENS

❶ O Tucunduba corta a UFPA FOTO: CINTIA MAGNO. ❷ a ❹ Estudantes fazem trilhas e desenvolvem ações ambientais nos rios do bairro do Guamá FOTOS: DIVULGAÇÃO

to que elas começam a se enxergar enquanto parte do processo de ‘descortinamento’ ou transformação do ambiente, elas começam a mudar a perspectiva. E antes um rio que era sujo, agora passa a ser vivo”.

A partir deste trabalho, a professora considera que é possível construir um caminho de reconexão com os rios urbanos que cortam a cidade e, neste caso, que se fazem presentes dentro do Campus da UFPA, no Guamá. Uma reconexão voltada não apenas para a comunidade acadêmica, mas para a população que vive e convive com esses rios nos bairros do entorno. “Seria um sonho morar próximo a um rio de águas limpas, que nele não fosse

lançado nenhum efluente. Essa não é a nossa realidade, mas podemos construir esses pequenos ambientes resilientes, podemos agregar mais pessoas nesse propósito e podemos ampliar essas ações para outros locais”, considera. “Temos o entendimento que são ações pontuais e que há necessidade de maiores intervenções, sobretudo, no âmbito do saneamento. Mas eu efetivamente acredito que estes ambientes que iniciam uma pequena transformação se tornam ambientes de resistência! E mais que isso, ambientes de demonstração que ainda é possível preservar a natureza e manter os serviços que ela nos proporciona”.

Entre as ações mais recentes desen-

“

Eu efetivamente acredito que estes ambientes que iniciam uma pequena transformação se tornam ambientes de resistência! E mais que isso, ambientes de demonstração que ainda é possível preservar a natureza e manter os serviços que ela nos proporciona”.

Sury Monteiro, docente da Faculdade de Oceanografia da UFPA



volvidas pelo projeto está a construção de ‘janelas’ para um novo olhar para os protagonistas, que são os dois rios que recortam a universidade. “Essas janelas foram construídas propositalmente para criar espaços para que as pessoas possam olhar um barco que passa, uma garça que levanta voo ou, em um olhar mais atento, conseguir ver invertebrados, um pequeno caranguejo forrageando o alimento quando a maré está seca. Cada pessoa pode despertar sua sensibilidade e a sua própria sensibilização quanto à preservação ambiental sozinha, apenas estando em contato com esses espaços e o nosso propósito foi justamente esse, construir esses espaços abertos para que as

pessoas pudessem ter esses contatos e pudessem acessar sentimentos que às vezes são despercebidos porque simplesmente a gente é atropelado pelas nossas atividades cotidianas”, considera Sury Monteiro. “A reconexão com o rio também é uma reconexão com o humano. Por isso, as ações que fazemos nestes dois rios buscam muito a valorização do humano, a valorização do trabalhador que limpa o rio, a valorização do jardineiro que planta o jardim, a valorização daquele que recolhe os resíduos, a valorização da cultura e da dependência de quem usa o rio para sobreviver. Esse processo de valorização do ser humano é essencial para sua reconexão”.

PARA ENTENDER

CONSCIENTIZAÇÃO

- Trabalho de conscientização desenvolvido pelo Espaço ITEC Cidadão e pela Faculdade de Oceanografia da UFPA envolve não apenas a comunidade acadêmica, mas, sobretudo, estudantes de escolas da rede pública localizadas no entorno do Campus, pessoas de outros bairros que buscam essa reconexão com o rio e profissionais da limpeza pública que exercem papel fundamental nas práticas de preservação e conservação dos rios ao promoverem a retirada de resíduos



EM IMAGENS

1 a 3 Todos os dias os voluntários preparam os alimentos que são distribuídos às pessoas carentes. Tudo é feito com doações FOTOS: DIVULGAÇÃO

Alimentando o corpo e a alma de quem mais precisa

Conheça o projeto social “Casa da Sopa” que distribui mais de 900 refeições, todos os dias, para comunidades carentes da capital, além de prestar outros tipos de atendimentos médicos e jurídicos

SOLIDARIEDADE

Cintia Magno

Há mais de duas décadas, a iniciativa que começou com a distribuição de 50 pratos de sopa para pessoas que tinham fome se transformou numa rede de solidariedade que, hoje, não apenas alimenta, mas também oferece uma série de outros serviços de forma gratuita e voluntária. Todos os dias, uma média de 800 a 900 pessoas encontram na Casa da Sopa o acesso ao alimento que, mui-

tas vezes, é a única refeição do dia, com a certeza de que, no dia seguinte, poderão contar novamente com a solidariedade dos mesmos voluntários.

O início do que resultou na instituição filantrópica que hoje é reconhecida como de utilidade pública no Estado do Pará, a Casa da Sopa, se deu no bairro do Guamá, quando o Padre Eloi Wayth atuava na Paróquia de Santa Maria Goretti. Ao observar que muitas pessoas no bairro enfrentavam uma situação de fome, o padre teve a ideia que se tornaria a sua missão por mais de 20 anos. “A ideia da Casa da Sopa começou no Gua-

má, quando eu estava na Paróquia de Santa Maria Goretti. Eu comecei com 50 pratos de sopa e, com o passar do tempo, eu saí de lá e fui para o Batalhão de Choque e continuei dando a sopa”, lembra o religioso, ao contar que a missão lhe acompanhou por onde ele passou ao longo dos anos. “Foi

quando surgiu a necessidade de ter algo maior e foi quando nós montamos a primeira Casa da Sopa, na rua dos Mundurucus”.

Na época, o padre alugou uma casa que pudesse abrigar as ações de distribuição da sopa, que crescia sempre

com a doação voluntária. Neste primeiro espaço, os voluntários passaram três anos até que se mudaram para outra casa alugada, na avenida José Bonifácio. A última parada foi no atual prédio, localizado na Rua dos Caripunas, comprada especialmente para receber o projeto social. “Como passar do tempo eu consegui trabalhar e comprar esta casa hoje, uma casa que eu coloquei para fazer a sopa, a Casa da Sopa”, conta padre Eloi.

“A casa montada já tem 20 anos, mas eu comecei antes disso. A nossa história envolve praticamente toda a Grande Belém porque têm pessoas que vêm buscar sopa lá do Outeiro”.

Todos os dias, os voluntários da instituição ajudam a preparar a sopa com as verduras e legumes reunidos a partir de doação. Já por volta de 10h30, começa a distribuição. Além de se alimentar ali, na hora, as pessoas que vão em busca da comida também conseguem levar um pouco da sopa para casa. Todos os dias, de segunda a sexta-feira, até 900 pessoas têm a alimentação garantida. Necessidade que o projeto viu crescer após a pandemia da Covid-19. “Depois da pandemia agravou-se mais a necessidade das pessoas. Tem muitas pessoas que vivem em situação de rua, tem muitas famílias extremamente carentes. Tem pessoas que comem e levam a sopa. Nós temos um exercício diário, de segunda a sexta-feira, com essa missão e na verdade o nosso trabalho é um trabalho silencioso porque a gente quer ajudar as pessoas”, considera o padre, diretor da Casa da Sopa. “Tivemos muitas pessoas amigas que abraçaram, empresas que acreditaram e que acreditam no nosso trabalho. Nós, agora, já vamos passar para a segunda casa que a gente comprou. O nosso desejo é fazer algo maior justamente para atender as pessoas que estão passando fome e é muita



gente passa fome”.

Da ideia iniciada pelo padre tempos atrás, o projeto da Casa da Sopa acabou se tornando uma rede de solidariedade, em que, atualmente, 130 voluntários contribuem com a missão. Além da sopa, a casa também presta atendimento odontológico, nutricional, jurídico, assistência social e uma rede médica de atendimento, todos trabalhos voluntários. “A gente conseguiu alcançar um grande trabalho e, acima de tudo, nós temos 130 voluntários no exercício dessa missão. Todos os dias, então, a gente distribui 850 litros de sopa, mas o nosso trabalho não se restringe à sopa”, explica o padre Eloi. “Temos também a nossa farmácia, onde são doados

remédios. Além de ter o atendimento com os médicos voluntários, são 25 médicos de várias especialidades, os remédios também são doados. A pessoa traz só a receita e a gente doa o remédio para a pessoa. E tudo isso são doações, as pessoas doam, às vezes alguns laboratórios também fazem doações e, portanto, a gente tem essa missão também”.

Da mesma forma que iniciou, o projeto continua sobrevivendo exclusivamente com doações e o padre Eloi Wayth conta que elas vêm não apenas dos que têm mais condições de ajudar. “É um desafio para a gente porque a gente não tem nenhuma sustentação com o dinheiro público, então, quem ajuda são as pessoas realmente que acreditam nesse trabalho. Todo mundo participa, tanto a pessoa que não tem tanto, quanto a pessoa que tem muito e a gente vive essa partilha”, conta. “Toda segunda-feira eu criei a ‘segunda da verdura’, então, as pessoas que vão à celebração eu peço apenas uma batata, ou uma cebola, ou um chuchu, ou uma cenoura para não ficar pesado para ninguém e a gente vai fazendo. O consumo é grande, mas com as pessoas ajudando a gente consegue fazer algo até maior”.



Com o
Sebrae é
assim: caiu
na rede, vira




oportunidade

A COP 30 chega para você fugar as melhores oportunidades. Comece, formalize e impulse seu negócio com o Sebrae.

Agende o atendimento e veja que não é milagre da multiplicação: é a força que apoia o empreendedor paraense mesmo.

Acesse o site com o
QR Code abaixo
sebraecop30.com



 @sebraepa
 /SebraePA
 0800 570 0800

SEBRAE